

A Máquina de Fazer Espanhóis

Valter Hugo Mãe

Download now

Read Online →

A Máquina de Fazer Espanhóis

Valter Hugo Mãe

A Máquina de Fazer Espanhóis Valter Hugo Mãe

Esta é a história de quem, no momento mais árido da vida, se surpreende com a manifestação ainda de uma alegria. Uma alegria complexa, até difícil de aceitar, mas que comprova a validade do ser humano até ao seu último segundo. a máquina de fazer espanhóis é uma aventura irónica, trágica e divertida, pela madura idade, que será uma maturidade diferente, um estádio de conhecimento outro no qual o indivíduo se repensa para reincidir ou mudar. O que mudará na vida de antónio silva, com oitenta e quatro anos, no dia em que violentamente o seu mundo se transforma?

Valter Hugo Mãe nasceu em Saurimo, Angola, no ano de 1971. Licenciado em Direito, pós-graduado em Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea. Vive em Vila do Conde. Publicou três romances: o apocalipse dos trabalhadores (2008), o remorso de Baltazar serapião, Prémio José Saramago (2006) e o nosso reino (2004). A sua obra poética está revista e reunida no volume folclore íntimo (2008). valter hugo mãe é vocalista do grupo musical Governo (www.myspace.com/ogoverno) e esporadicamente dedica-se às artes plásticas.

Críticas de imprensa

«[...] com este livro, Valter Hugo Mãe aproxima-se a passos largos (e seguros) da maturidade plena.»

Eduardo Pitta, Público

«Um romance poderoso.»

José Mário Silva, Expresso

«Ler vhm é entrar numa viagem feita de imprevisibilidade enquanto estado humano de absoluta surpresa e espanto, de fortuitude, de acaso, de percurso animado de múltiplos acidentes e peripécias que desviam a personagem de atingir o seu objectivo, atrasando-o, jogando-o por caminhos e situações insólitas e por sentimentos e estados interiores que lhe são totalmente desconhecidos, forçando-o a ceder ou a resistir, a recuar ou a avançar, a hesitar e a conciliar.»

Miguel Real, JL

A Máquina de Fazer Espanhóis Details

Date : Published February 1st 2010 by Editora Objetiva (first published 2010)

ISBN :

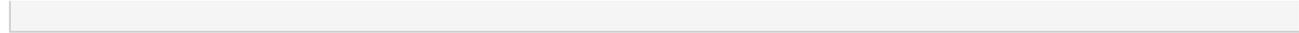
Author : Valter Hugo Mãe

Format : Paperback 287 pages

Genre : Fiction, European Literature, Portuguese Literature, Cultural, Portugal, Novels, Literature, Contemporary, Romance, Drama

 [Download A Máquina de Fazer Espanhóis ...pdf](#)

 [Read Online A Máquina de Fazer Espanhóis ...pdf](#)



Download and Read Free Online A Máquina de Fazer Espanhóis Valter Hugo Mãe

From Reader Review A Máquina de Fazer Espanhóis for online ebook

Misael Alves Martins says

Reli esta obra-prima. A opinião mantém-se. Que livro, Jesus. Que livro! Amo cada linha deste livro. Uma das melhores coisas que já li. Só não digo que é a melhor leitura deste ano, porque já o foi de 2017, quando o li.

Inês says

É pretensioso, quase arrogante, que este jovem escritor venha criar as suas próprias regras de escrita desprezando as maiúsculas e as regras convencionais de diálogo. No entanto, talvez tenha sido essa ousadia que me levou a pegar neste livro. A história é sobre a vida na terceira idade dentro de um lar com 93 pessoas. É cômica, angustiante, exagerada num ou noutro parágrafo, mas parece tão real e vivida que nos faz sentir na pele de alguns daqueles personagens.

As 4 estrelas são sobretudo um prémio pela originalidade.

Marco says

«...sabes que os peixes têm uma memória de segundos, aqueles peixes bonitos que vês dentro dos aquários pequenos, sabes que têm uma memória de uns segundos, três segundos, assim, é por isso que não ficam loucos dentro daqueles aquários sem espaço, porque a cada três segundos estão como num lugar que nunca viram e podem explorar, devíamos ser assim, a cada três segundos ficávamos impressionados com a mais pequena manifestação de vida, porque a mais ridícula coisa na primeira imagem seria uma explosão fulgurante da percepção de estar vivo. compreendes, a cada três segundos experimentávamos a poderosa sensação de vivermos, sem importância para mais nada, apenas o assombro dessa constatação...»

«...se algum anjo me vier buscar, dizia eu, cortem-lhe as asas, afoguem-no, mas não o deixem escapar comigo por aí acima, quero ser deitado fora. metido aí para baixo de terra como ficam as coisas a que ninguém se lembrou de imaginar uma alma. não autorizo que me levem para o céu. não autorizo que me levem senão para o fundo porco da terra onde os bichos me comam e me poupem, para sempre, do incómodo de estar consciente da injustiça que é existir...»

Sofia says

primeiro livro de valter hugo mãe que leio e confesso que gosto da escrita dele. mas irrita-me o facto de não usar maiúsculas. não é tanto a falta de pontuação e o não respeito pela forma convencional do diálogo, basta vermos o texto como uma conversa. mas a ausência de maiúsculas parece um grito de chamada de atenção, imaturo e desnecessário.

Agora que mostrei o meu ponto de vista, podemos falar das coisas boas do livro. A história de um Silva que

se vê viúvo ao fim de um casamento de 60 anos e atirado para um lar... onde fica à espera da morte:

"esse era o segredo que só o tempo guardava. só o tempo revelaria tal milagre. o tempo, e a sensibilidade de quem via o tempo diante dos olhos a acabar-se a cada dia."

"os mesmos vulneráveis e atordoados seres humanos de sempre. tanta cultura e tanta fartura e ao pé da morte a igualdade frustrante e a mesma ciência. sabemos todos rigorosamente uma ignorância semelhante."

"(...) tudo o que a velha lhe dizia de concreto, directo nos olhos como se o fizesse por força maior, era que havia uma morte para cada um. alinhada como em fileiras do exército, apumada em grande brio para vir colher quem lhe competia no momento certo. a morte era, afinal, a mais organizada das instituições. cheia de afazeres e detalhes, mas muito competente e certa."

É no lar que o Silva descobre que "a família também vinha de fora do sangue, de fora do amor ou que o amor podia ser outra coisa, como uma energia entre pessoas, indistintamente, um respeito e um cuidado pelas pessoas todas."

Muito bem escrito, não fosse a questão das maiúsculas e teria dado 4 estrelas.

Rita says

Há livros que não gostamos não porque não sejam bons, mas porque não estamos no momento certo para os ler. Acho que foi o que me aconteceu. Quem sabe um dia regresso a est' A máquina de fazer espanhóis e realmente consiga gostar.

Foi uma leitura difícil e um pouco desesperadora. A ausência de maiúsculas enervou-me bastante e a pontuação pouco convencional faz com que a história não flua.

É um livro triste, sobre a velhice, com muito sofrimento, perdas, mágoas e morte. Enfim tudo aquilo que não me apetecia no momento.

Andreia Moreira says

"A máquina de fazer espanhóis" é futuro na medida em que nos faz viajar no tempo. Eis que me vi com 82 anos internada no Feliz Idade. Assoma-se-nos como desolador o destino de uma vida longa. É, todavia, muito mais do que definir e pode encerrar intensas emoções e um imenso sentido de validade, embora pareça resumir-se a uma agonizante espera. Estive entre os velhos. O cheiro a morte pairava sobre todos e a vista para o cemitério segredava-nos: "Falta pouco para seres tu aqui, para sempre". Aterrada constatei que a lesta mobilidade de outrora já pretérito; que me havia morrido gente sem a qual o ar se me rarefazia nos pulmões e que os novos me tratavam como se não lhes merecesse toda a atenção. Como se tonta e nada do que viesse a dizer contivesse, para eles, qualquer sentido. Falavam-me como às crianças, a quem tudo falta aprender, o que me revoltou deveras. Quis impor-me. Porém, a força do corpo não correspondia à do pensamento e assim me resignei à velhice. Deixei-me levar, a cabeça desistente sobre o ombro, a boca aberta como quem vai para dizer alguma coisa e se esqueceu, ou achou que não valia a pena partilhar, restando o movimento em suspenso.

Fui-me sentando pelos cantos da minha incapacidade, sempre perto dos heróis para não perder pitada da trama. Aprendi tanto com eles. Envergonhei-me, outro tanto, por todos quantos ainda lá não chegados se comportam de forma negligente, esquecendo-se que, fatalmente, um dia aí se encontrarão. Só Américo (um

auxiliar) os via deveras - Quero dizer: via para além do corpo em decadência. - e os tratava como a amigos. Afeição-me àqueles cinco magníficos, tomando como minhas as suas dores: António Silva, Silva da Europa, Pereira, Anísio Franco e Esteves sem metafísica. - O homem que sobreviveu ao passado, para trazer ao presente dos restantes o enlevo que lhes faltava para que desejassem persistir na existência. - Encantei-me com a enorme riqueza de todas as pessoas a quem o autor dotou de tanta vida, não obstante estarem tão perto do fim.

Personagens deliciosas como Leopoldina a mulher que coça o rabo, para afrontar os “colegas”, enquanto berra “Viva o Porto”, clube do futebolista peruano que a livrara da virgindade. Dona Marta a mulher que não quer conceber a traição e que alimenta um amor ingénuo, devota ao homem que a abandonara ali. D. Glória do linho que, nessa idade improvável, vive o seu primeiro amor. Enrique o português de Badajoz e Medeiros, o homem vegetal que parece conhecer os meandros da geringonça de criar espanhóis.

valter hugo mãe (1971) é magistral no seu ofício. As sensações que provoca, com a sua escrita singela e poética, são físicas. Ri-me às gargalhadas, inúmeras vezes, envolta em ternura. Também chorei, abraçada à angústia. Intuí nas entranhas como há-de ser achar-me velha. Este escritor é de um talento arrebatador e ensinou-me bastante sobre os significados da palavra humanidade.

P.S. Não consigo destacar-vos uma citação. Tenho o livro todo sublinhado. Não percam mais tempo comigo, vão lê-lo.

(Publicação do texto originalmente em geracao-c.com)

Dora Santos Marques says

A minha opinião em vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=ySkEy...>

A minha primeira experiência com o autor e o livro foi o que esperava. Não me desiludiu, achei a escrita muito boa e a originalidade da história, brilhante.

Cristina Gaspar says

A minha estreia com o autor não poderia ter sido melhor. A escrita é tão bela que dei por mim imersa na leitura, sem dar conta do que se passava à medida minha volta, completamente absorta na vida destes homens, velhos de corpo, mas enérgicos de espírito, nas angústias, dúvidas e peripécias do dia-a-dia no lar. A narrativa é brutalmente crua e real e fez-me sentir triste e, por vezes, envelhecida. Ao mesmo tempo, são velhos num lar, com todas as suas manias e teimosias de 3a idade, que me fizeram rir e deixaram-me com um sorriso nos lábios. É uma prosa poética envolvente.

Wanessa says

pg 240

sabes que os peixes têm uma memória de segundos. aqueles peixes bonitos que vês dentro dos aquários pequenos, sabes que tem uma memória de uns segundos, três segundos, assim. é por isso que não ficam

loucos dentro daqueles aquários sem espaço, porque a cada três segundos estão como num lugar que nunca viram e podem explorar. devíamos ser assim, a cada três segundos ficávamos impressionados com a mais pequena manifestação da vida, porque a mais ridícula coisa na primeira imagem seria uma explosão fulgurante da percepção de estar vivo. compreendes. a cada três segundos experimentávamos a poderosa sensação de vivermos, sem importância para mais nada, apenas o assombro dessa constatação.

pg 244

... fôssemos uma família, uma outra família pela qual eu não poderia ter esperado. unida sem parencas de sangue, apenas no destino de distribuirmos a solidão uns pelos outros, distribuída assim, a solidão de cada um entregue ao outro, era tanto quanto família. era uma irmandade de coração, uma capacidade de ser leal como nenhuma outra.

nunca tinha percebido a vulnerabilidade a que um home chega perante outro. nunca teria percebido como um estranho pode nos pertencer, fazendo-nos falta. não era nada esperada aquela constatação de que família também vinha fora do sangue, de fora do amor ou que o amor podia ser outra coisa, como uma energia entre pessoas, indistintamente, um respeito e um cuidado pelas pessoas todas.

Apenas duas passagens de um livro lindo, tocante, que trata do tema do fim da vida com dureza mas, ao mesmo tempo, com uma sensibilidade, daqueles que doem de tão lindo!

Sr?an Vidri? says

"Mašina za pravljenje Španaca" portugalskog autora Valtera Uga Maia ?etvrta je po redu (a prva koju sam ja pro?itao) knjiga iz Lagunine edicije Prometheus koja ima za cilj da srpskoj ?itala?koj publici predstavi savremeni (angažovani) evropski roman. Projekat je dobro zamišljen i ovo mi verovatno ne?e biti jedina pro?itana knjiga iz te edicije.

Naime, u pitanju je roman ?iji je pripoveda? i glavni lik ostareli Antonio Žorž da Silva kojeg, nakon smrti supruge Laure, protiv svoje volje smeštaju u stara?ki dom. Me?utim, kako vreme bude odmicalo, Silva ?e se sve više prilago?avati, razmišljati o svom možda promašenom životu i u novom okruženju po prvi put ste?i prave prijatelje. Ceo roman je pisan malim slovima i s prore?enom interpunkcijom što donekle podse?a na knjige autorovog mnogo poznatijeg zemljaka Saramaga. Razo?aran u svoju decu, a naro?ito sina koji nije došao ni da ga obi?e, i kukavi?ki i podani?ki život kakav je vodio za vreme fašisti?kog režima Antonia de Oliveire Salazara, Silva ?e tek u svom tre?em dobu uspeti da dotakne ono što bi se moglo nazvati smislom života. Roman je prožet finom dozom humora i ironije što ga, uprkos neuobi?ajenoj koncepciji teksta, ?ini prili?no prohodnim za ?itanje. Pripoveda?eva razmišljanja o životu, smrti, starosti, diktaturi, demokratiji, identitetu, prijateljstvu, ljubavi i privrženosti ponekad prevazilaze razmišljanja "obi?nog" ?oveka iz naroda što je odli?no motivisano iskustvom i starosnom dobi glavnog junaka. Na momente, ovaj roman, pre svega zbog ambijenta i dijaloga koji se vode me?u likovima, priziva u svesti Manov "?arobni breg".

Uspostavljaju?i analogiju s mašinom za pravljenje Španaca, mogu re?i da mi u Srbiji, uzimaju?i u obzir zemlju u koju se odavde naj?eš?e emigrira, ve? izvesno vreme živimo s mašinom ili u mašini za pravljenje Nemaca.

Rita says

A Máquina de Fazer Espanhóis é uma obra prima!

Valter Hugo Mãe tem uma escrita refinada e apaixonante, conseguimos criar a imagem que o autor descreve mas o que mais me espanta é a forma como consegue tocar o coração do leitor.

É um livro cheio de metáforas onde Valter Hugo Mãe procura entender a vida e os seus pequenos detalhes, como escrever cartas de amor para uma velha que sofre por o marido não a visitar, mas acima de tudo o autor procura entender a morte e a perda.

Opinião completa no blog:

<http://clarocomoaagua.blogs.sapo.pt/o...>

Carmen says

Este livro conquistou-me, como por certo te conquistou a ti quando mo escolheste, pelo primeiro capítulo: lindo, lindo, bem escrito, uma mor daqueles que sonhamos ter quando formos velhinhos. Depois a história desenvolveu e eu fui entristecendo, não sabia ao que ia, e sempre que tomava consciência de que me esperava uma descrição crua da solidão da velhice, parava e começava um outro livro. Faltava-me a coragem, como me falta a capacidade de conviver com a ideia de envelhecer, não eu, mas os meus pais. Assusta-me, magoa-me, entristece-me, afunda-me e este livro teve esse efeito em mim. Não me entretive, foi uma leitura difícil e por isso apenas as 3 estrelas. Nunca me derá prazer um livro sobre algo que me magoa, da mesma forma que já não vejo filmes de guerra e saio da sala quando alguma cena na televisão ultrapassa os meus limites do suportável.

Fico, no entanto, curiosa de ler mais alguma coisa deste autor, sobre outras vidas ou mesmo outras formas de morrer.

carpe librorum :) says

O título e a capa são desconcertantes. Mesmo após a leitura, não compreendi a capa. O mesmo não digo do título, que se adequa de uma forma intrigante.

A forma de escrita sem maiúsculas e sem pontuação a não ser vírgulas e pontos finais dificulta um pouco no início, torna os parágrafos mais pesados, mas depois de algum tempo, entra-se no esquema. Não entendo a opção, mas tudo bem.

A temática é original, pelo menos não me lembro de ler alguma coisa assim. Tem algumas passagens poéticas e filosóficas.

Houve uma altura que achei que ia dar em policial, com crimes e inspetores, mas depois não percebi se era realidade ou senilidade porque não foi revelado nenhum criminoso.

Não foi a primeira vez que peguei neste livro para ler, mas a segunda. Não é um livro fácil, mas é bem intencionado e serve para refletir sobre a angústia das vidas longas e o seu desfecho. Terá de ser angustiante?

Ana says

Uma agradável surpresa. É o primeiro livro que leio deste autor e apesar de sempre ter lido críticas extremamente elogiosas, ainda não tinha tido a oportunidade de lê-lo.

Este é um pequeno grande livro que aborda um aspecto muito importante nos nossos dias, a velhice e a

forma como ela é encarada por quem a sente e por todos os que a rodeiam. Um dos aspectos que mais me surpreendeu e que achei mais interessante, foi o facto do autor contar a história dos últimos anos da vida de alguém contados pelo próprio. Achei fantástico ver espelhado nestas páginas uma tema que me é tão próximo. É fácil para todos nós olharmos para os velhotes que nos rodeiam, sejam eles parte da nossa família ou não, e facilmente esquecermos que ali, dentro daquele corpo gasto encontram-se memórias de uma vida inteira. O que será para uma pessoa perfeitamente lúcida e capaz, cujo único senão é o facto de ter um corpo que já não lhe obedece, ver-se a braços com a perda das pessoas que amou a vida inteira, dos amigos que preencheram os seus dias, ver-se levado para um local desconhecido onde terá de reaprender a viver durante o pouco tempo que lhe resta?

Um livro de grande qualidade, que nos faz pensar, que nos faz sentir a vida, que nos faz até rir, mas acima de tudo, um livro que nos lembra que tudo o que vivemos hoje serão memórias preciosas que nos farão companhia nos nossos dias de velhice.

Andrea Phillips says

Um livro muito sutil que fala sobre temas existenciais e sociais. Uma história comovente e atual, uma vez que o mundo hoje está vendo o renascer do fascismo em diversos países. Gostei demais desse livro.
